Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v4,
2022/04

ISSN 2178-6925

LÍNGUA DE SINAIS COMO LÍNGUA NATURAL: CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS E HISTÓRICAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

SIGN LANGUAGE AS A NATURAL LANGUAGE: PHONOLOGICAL AND HISTORICAL CHARACTERISTICS OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Emiliana Faria Rosa

Recebido 01/03/2022. Aceito 20/04/2022

Resumo

Esse artigo versa sobre a Libras (língua brasileira de sinais). Os objetivos são apresentar a Libras apontando suas características históricas e fonológicas. Consta, como referencial teórico, autores como Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010), Moreira (2007), tais autores contribuem para a elucidação dos objetivos propostos nesta pesquisa teórica. Nas considerações finais, toma-se a importância de compreender a estruturas gramaticais da Libras enquanto língua de interação e aprendizado, e, fundamentalmente, como língua natural.
Palavras-chave: Língua de sinais; língua natural; fonologia da língua de sinais.

Abstract

This article is about Libras (Brazilian sign language). The objectives are to present the Libras, pointing out its historical and phonological characteristics. There are, as theoretical reference, authors such as Quadros and Karnopp (2004), Ferreira (2010), Moreira (2007), such authors contribute to the elucidation of the objectives proposed in this theoretical research. In the final considerations, we take the

ISSN 2178-6925

importance of understanding the grammatical structures of Libras as a language of interaction and learning, and, fundamentally, as a natural language.

Keywords: Brazilian sign language, natural language, sign language phonology.

1. Introdução

Observe-se que para se compreender quem é o ser surdo, faz-se necessário conhecer com o que ele interage, com quem se relaciona, como se apresenta e se representa através das línguas que utiliza e, especificamente, da língua de sinais. Visto isso, falar uma língua *"não significa apenas expressar nossos pensamentos mais inferiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais."* (HALL, 2006, p. 40). Ativar tantos significados demonstra como o surdo irá participar dos diferentes ambientes levando suas percepções e saberes através da língua de sinais.

Este artigo corresponde a uma pesquisa teórica sobre as características fonológicas da língua de sinais e um breve histórico do início dos estudos sobre estas questões. Na atualidade vemos inúmeros pesquisadores ampliando e multiplicando conhecimentos sobre a fonologia da Libras, assim como demais área da linguística, volta-se aqui, brevemente, para o começo da exposição de como surgiu os estudos desta fonologia e como os parâmetros fonológicos se dividem.

A Libras deve ser compreendida como uma língua como qualquer outra. Assim, no Brasil, o que se compreende como a língua brasileira de sinais (Libras) terá, em outros países, não só suas próprias denominações, mas serão línguas diferentes, com vocabulários e gramáticas próprias, como, por exemplo, em Portugal, onde se chama língua gestual portuguesa (LGP) ou ainda a ASL (american sign language).

ISSN 2178-6925

A língua de sinais é o mais visível e influente traço identitário na construção de uma identidade surda. A Libras é vista como um sistema linguístico, com toda sua gramática, regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Portanto, neste artigo, de forma concisa, se discorrerá sobre a Libras, demonstrando porque as línguas de sinais devem ser consideradas línguas naturais.

2. Revisão de literatura

A língua brasileira de sinais ainda é desconhecida por muitos; algumas pessoas ainda possuem a ideia de que o surdo usa uma linguagem gestualizada que não tem a amplitude nem os conceitos linguísticos. Para muitos, a Libras é, erroneamente, uma mímica sem base conceitual, gramatical, sem os pilares em que se baseiam as outras línguas naturais de outras culturas, ideias que devem ser modificadas, em favor da língua de sinais como língua natural.

A língua de sinais, seguindo estas ideias errôneas, serviria apenas para uma comunicação rudimentar e primitiva. Vista assim, a língua de sinais agiria como fator de exclusão dentro da sociedade. Observa-se que a língua de sinais e a língua oral não são opostas, mas sim utilizam modalidades diferentes para transmissão de toda e qualquer forma de comunicação.

Vista pelos surdos como uma língua maleável, versátil, um espaço múltiplo, aberto, uma língua capaz de exprimir diversas situações, a língua de sinais como *lócus* de referência teria as características de língua de instrução, de interação, um direito dos surdos, língua como referência de mundo e de ampliação de conhecimentos. A língua de sinais também é parte essencial da relação do surdo com a família, o trabalho, cultura, aprendizagem, identidade, educação, profissão, comunicação e sociedade.

A Libras, desta forma, é uma língua natural existente na modalidade visuoespacial, ou seja, a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos; assim, tem-se que *“as línguas de sinais são consideradas línguas*

ISSN 2178-6925

naturais e, consequentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e distingue dos demais sistemas de comunicação [...]" (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.30). E ainda:

> Os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção desta: modalidade oral-auditiva (português, francês, inglês, etc.) ou modalidade visuoespacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, língua de sinais francesa, etc.). (QUADROS & KARNOPP, 2004)

A língua de sinais se insere nos princípios postulados por Saussure quando este diz que língua não se confunde com linguagem, sendo, ao mesmo tempo, *"produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos."* (SAUSSURE, 2002, p. 17).

A língua de sinais tem seus primeiros relatos registrados em 1644, passando a ser mais conhecida em 1760 na França pelas mãos do abade Charles Michel de L'Epée, que *"iniciou o trabalho de instrução formal com duas surdas a partir da Língua de Sinais que se falava pelas ruas de Paris"* (RAMOS, 2011), mas a base científica e sua difusão ocorreram nos Estados Unidos, conforme relata Moreira (2007) ao relatar sobre o trabalho pioneiro de William Stokoe em 1960, dando início a gramática da língua de sinais americana e afirmando que as línguas de sinais *"deixaram de ser vistas como meras representações gestuais das línguas orais dos países em que são usadas, e passaram a ser reconhecidas como línguas naturais, possibilitando [...] que muitos trabalhos sobre elas surgissem em todo o mundo."* (Moreira, 2002, p. 15-16).

> A descrição feita por Stokoe não foi só o início da transformação da visão sobre as línguas de sinais serem objeto de estudo da linguística, mas também o início da real ampliação do objeto de estudo dessa ciência e, consequentemente, de um entendimento maior do que são as línguas humanas. [...] Além disso, os estudiosos vêm salientando o fato de as línguas de sinais serem sistemas linguísticos ou relações simbólicas visual-espaciais: o significante de seus signos não são imagens mentais acústicas, mas visuais, e os signos e os enunciados dessas línguas são

ISSN 2178-6925

> construídos no espaço físico, diante dos nossos olhos. Apesar de mostrar que as línguas sinalizadas são naturais, a maior parte dos estudos sobre as línguas de sinais, até recentemente, tinha como um de seus objetivos principais encontrar semelhanças gramaticais e discursivas entre as línguas orais e as línguas de sinais. Esses trabalhos têm apresentado evidências nas línguas de sinais para hipóteses de caracterização da língua humana levantada a partir da observação e da descrição das línguas orais. A ideia era a de que, assim, seria mais fácil provar que as línguas de sinais são de fato línguas naturais. (MOREIRA, 2007, p. 15-16)

Stokoe, ao propor uma estruturação da língua de sinais, fez valer a necessidade de apresentar a língua de sinais enquanto língua dotada de estruturação gramatical como qualquer língua oral. Stokoe inicia o processo de conquista do *status* linguístico das línguas de sinais.

Sacks cita que Stokoe convenceu-se de que *"os sinais não eram figuras, e sim complexos simbólicos abstratos com uma estrutura interna complexa."* (SACKS, 1998, p. 89). E, para aprofundar o estudo, Stokoe foi *"o primeiro a buscar uma estrutura, analisar os sinais, dissecá-los, procurar as partes constituintes."* (SACKS, ibdem)

Para marcar a diferença entre as línguas de sinais e as orais, Stokoe propôs o termo quirema ao conjunto destas três unidades formacionais dos sinais (movimento, configuração de mão e locação). É preciso lembrar que o termo quirema foi usado no início das pesquisas por Stokoe e o mesmo autor posteriormente descartou o termo, substituindo-o pelos termos fonema e fonologia a fim de equiparar a linguística da língua de sinais com a linguística da língua oral.

> Outros pesquisadores, incluindo Stokoe em estudo posterior (1978), têm utilizado os termos 'fonema' e 'fonologia', estendendo seus significados de modo a abarcar a realização linguística visual-espacial. O argumento da utilização desses termos é o de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre a fala e o sinal. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 48)

Interessante observar o que Lopes (2007) cita que somente em 1984 a UNESCO declarou que as línguas de sinais deveriam ser reconhecidas como um

ISSN 2178-6925

sistema linguístico e em 1987 a Federação Mundial dos Surdos adotou a primeira resolução sobre as línguas de sinais.

O sistema estrutural proposto por Stokoe foi acrescido de mais dois aspectos (orientação de mão e expressões facio-corporais) por volta de 1974-1978 (QUADROS & KARNOPP, 2004), esse sistema passou a ser conhecido como parâmetros fonológicos. Portanto:

> As características das unidades mínimas das línguas faladas são de natureza acústico-sonora. Um som é considerado fonêmico nas línguas orais quando sua substituição em um léxico causa uma mudança de significado: ["fak´], ["fal´]. Nas línguas de sinais, as características das unidades mínimas dos sinais são espaciais. Dessa forma, os fonemas da Língua Brasileira de Sinais são estruturados simultaneamente no espaço de sinalização, assim, as unidades mínimas das línguas sinalizadas se organizam a partir dos parâmetros fonológicos de Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), O (Orientação), ENM (Expressão não-manual). Logo, a principal diferença estabelecida entre as línguas orais e as línguas de sinais é a presença linear entre os fonemas das línguas orais e a ausência nas línguas de sinais, pois os fonemas das línguas visuoespaciais são articulados simultaneamente e sequencialmente. (BENTO, 2010, p. 38)

Sobre os parâmetros fonológicos referidos acima se pode explicitar que tais parâmetros se dividem em: configuração de mão, movimento, locação, orientação de mão e expressão não-manuais. Quanto aos traços fonológicos, se caracterizam por representarem uma unidade mínima na constituição de uma palavra.

Ferreira (2010) completa sobre a língua de sinais que, sendo esta uma língua multidimensional, os parâmetros podem ser alterados para a obtenção de modulações aspectuais, incorporação de informações gramaticais, lexicais, quantificativas, negação e tempo.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a configuração de mão, locação e movimento unidades mínimas (fonemas) constituem morfemas nas línguas orais, estas unidades começam a prevalecer e apontam a diferença ente a língua oral (presença de uma ordem linear) e a língua de sinais (fonemas articulados

ISSN 2178-6925

simultaneamente). Assim, observa-se a sequencialidade nas línguas orais e a simultaneidade nas línguas de sinais. Entretanto, de acordo com Ferreira (2010):

> Entre as diferenças existentes entre as línguas orais [...] e as línguas de sinais, salientamos a ordem sequencial linear da fala e a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais, assim como a simultaneidade de sinais na formação de várias orações das línguas de sinais. Obviamente, apesar de se passar em espaço multidimensional, as línguas gestuais-visuais também fazem uso da linearidade temporal. Por outro lado, as línguas orais nem sempre são exclusivamente unidimensionais. Por exemplo, no caso da sequência de palavras acompanhadas de entonação e no caso dos traços distintivos dos fonemas, há simultaneidade. (FERREIRA, 2010, p. 229)

As configurações de mão são formas de como as mãos são posicionadas para a criação do sinal desejado. As configurações de mão possuíam uma base de quarenta e seis configurações diferentes O *"Cada configuração é um elemento distintivo [...]"* (FERREIRA, 2010, p. 37). Posteriormente, também começaram a ser usadas outras configurações de mão, criando uma tabela com sessenta e quatro configurações de mãos.

O parâmetro de movimento na língua de sinais é um parâmetro complexo que pode envolver uma rede de direções, formas, movimentos internos, de mão, de pulso, movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal (FERREIRA, 2010); é preciso haver objeto e espaço para se ter o movimento. As mudanças de movimentos distinguem mudanças lexicais para diferenciar algo no espaço referente ao objeto.

Tabela do parâmetro movimento

ISSN 2178-6925

Categorias do parâmetro movimento na Libras (FERREIRA-BRITO e LANGEVIN, 2010)

TIPO	*DIRECIONALIDADE*	*MANEIRA*	*FREQÜÊNCIA*
Contorno ou forma geométrica - retilíneo - helicoidal - circular - semicircular - sinuoso - angular - pontual Interação - alternado - de aproximação - de separação - de inserção - cruzado Contato - de ligação - de agarrar - de deslizamento De toque (início, final, duplo) - de esfregar - de riscar -de escovar ou pincelar Torcedura de pulso - rotação (p/ dir. e esq.) - com refreamento (p/ direita ou p/ esquerda) Dobramento do pulso - para cima (‘supinate’) - para baixo (‘pronate’) Interno das mãos - abertura simultânea/ gradativa - fechamento simultâneo/ gradativo - curvamento simultâneo/ alternado -dobramento simultâneo/ alternado	Direcional - unidirecional (para cima) (para baixo) (para direita) (para esquerda) (para dentro) (para fora) (para o centro) (para lateral inferior esquerda) (para lateral inferior direita) (para lateral superior esquerda) (para lateral superior direita) (para específico ponto referencial) - bidirecional (para cima e baixo) (para esquerda e direita) (para dentro e fora) (para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda) - multidirecional Não-direcional	Qualidade, tensão e velocidade - contínuo - de retenção - refreado	Repetição -simples -repetido

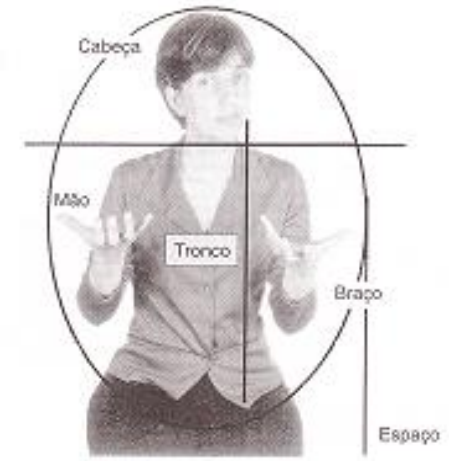
Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 56.

ISSN 2178-6925

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as mãos do enunciador, nas línguas de sinais, são o objeto, e o espaço onde o movimento se realizará (espaço da enunciação) é a área em torno do corpo enunciador. Acima a tabela com as categorias deste parâmetro.

As locações de mão (ou ponto de articulação) são definidas pelo espaço em frente ao corpo ou no próprio corpo onde se articula o sinal (FERREIRA, 2010). Os pontos de articulação podem ser na cabeça, troco ou no espaço neutro em frente ao corpo. Define-se também como a área no corpo ou espaço na qual o sinal é articulado. Como exemplo a figura e na tabela abaixo:

Figura do parâmetro locação de mão



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 57

Tabela do parâmetro locação de mão

Locações na Libras (FERREIRA-BRITO e LANGEVIN, 2010)				
Cabeça	*Tronco*	*Braços*	*Mão*	*Espaço neutro*
Topo da cabeça	Pescoço	Braço	Palma	
Testa	Ombro	Antebraço	Costas das mãos	
Rosto	Busto	Cotovelo	Lado do indicador	
Parte superior do rosto	Estômago	Pulso	Lado do dedo mínimo	
Parte inferior do rosto	Cintura		Dedos	
Orelha			Ponta dos dedos	

ISSN 2178-6925

Olhos Nariz Boca Bochechas Queixo			Dedo mínimo Anular Dedo médio Indicador Polegar	

Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 58.

As locações podem ser divididas em quatro regiões como acima expostas na tabela. Leva-se em conta que cada sinal tenha um ponto de articulação específico mesmo que ocorra movimento de direção.

A orientação de mão é referente à posição em que se encontra a palma. A orientação de mão pode colocar a palma para cima ou para baixo, para dentro ou para fora ou para os lados dependendo do sinal a ser produzido. A seguir constam seis tipos de orientação da palma da mão na língua de sinais.

Figura do parâmetro orientação



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 59-60.

ISSN 2178-6925

Nas orientações de mão é importante observar que além das diversas possibilidades de posição que a mão toma, pode haver mudança de orientação durante o movimento (FERRREIRA, 2010).

As expressões não-manuais (também chamadas de expressões facio-corporais) são definidas como os movimentos da face, dos olhos, da cabeça e do tronco e são marcações sintáticas e diferenciações lexicais. É uma forma de referência específica da língua de sinais. Se na língua portuguesa há entonação, nasalização e características de produção de fonemas, a expressão facio-corporal na língua de sinais tem essa função de reproduzir expressões de concordância, topicalização, relações, interrogações, negações.

Tabela do parâmetro expressão não-manual

Expressões não-manuais na Libras (FERREIRA-BRITO e LANGEVIN, 2010)
Rosto Parte superior • sobrancelhas franzidas • olhos arregalados • lance de olhos • sobrancelhas levantadas Parte Inferior • bochechas infladas • bochechas contraídas • lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas • correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha • apenas bochecha inflada • contração do lábio superior • franzir nariz
Cabeça • balanceamento para frente e para trás (sim) • balanceamento para os lados (não) • inclinação para a frente • inclinação para o lado • inclinação para trás
Rosto e cabeça • cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas • cabeça projetada para trás e olhos arregalados
Tronco • para frente • para trás • balanceamento alternado dos ombros • balanceamento simultâneo dos ombros • balanceamento de um único ombro

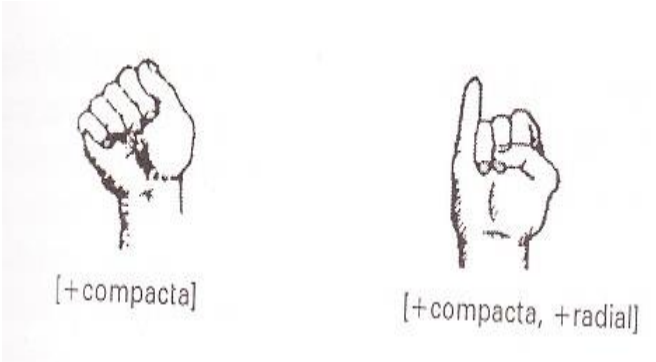
Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 61

ISSN 2178-6925

Mesmo com todas as diferenças linguísticas, há princípios linguísticos compartilhados entre línguas de sinais e língua orais, apesar das especificidades de cada língua, como restrições devidas à modalidade de percepção e produção. Desta forma, *"a noção de traços distintivos nas línguas de sinais dá-se no sentido que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma locação, um movimento e uma configuração de mão"* (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 62).

A identificação de traços distintivos nos sinais visa a atingir o mesmo nível de adequação descritiva atualmente disponível para línguas orais. O modelo de traços distintivos (FERREIRA-BRITO apud QUADROS & KARNOPP, 2004) para a língua de sinais, apresenta 12 traços para a análise de configurações de mão: [compacta], [aberta], [ulnar], [cheia], [côncava], [dual], [indicadora], [radial], [toque], [separada], [cruzada] e [dobrada]. Como exemplo a figura abaixo:

Figura: traços fonológicos



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 63.

Os traços fonológicos da Libras em nada se diferenciam se comparados aos traços fonológicos da língua oral. É necessário observar, no entanto, a diferença entre a língua oral e a visuoespacial, pois possuem duas modalidades, dos canais diferentes de entrada e saída dos sinais. Citando Bento (2010), ainda sobre a estrutura gramatical da língua de sinais:

ISSN 2178-6925

> Nas línguas de sinais, os sinais são os significantes. E sendo essas línguas verbais, a literatura atual as trata neste contexto, por isso temos o termo "fonologia" da língua de sinais. Na verdade, tanto o significante quanto o significado são abstratos. O significante não pode ser confundido com a realização concreta dos sons ou gestos. Ao se pensar no signo ZOOLÓGICO da Língua Brasileira de Sinais, não é relevante se o sinalizante realiza o sinal mais rapidamente ou de forma mais lenta; ou se o sinalizante deixa os dedos das mãos um pouco mais fechados e tensos ou mais abertos e relaxados e os braços formam 70º ou se formam 85º; etc., tudo isso são detalhes fonéticos (da realização concreta do sinal), mas o que é apreendido pela mente são os detalhes fonológicos (a realização psíquica do sinal ZOOLÓGICO). Tendo em vista que o significante não é a realização concreta do signo (mas sim uma representação mental abstrata), o conceito de significante ou signo pode se aplicar à língua oral ou à língua de sinais. Trata-se de um fenômeno psíquico, que se realiza por meio de mais do que uma modalidade (sonora ou gestual). (BENTO, 2010, p. 29)

No Brasil, em 1857, a língua de sinais passa a ser ensinada aos surdos na instituição hoje conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), mas somente em 2002 teve reconhecimento oficial, através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

A Libras é hoje reconhecida como língua não só pela lei acima exposta, mas sim por ter toda a estrutura e contextualização necessárias às atividades que a ela correspondem como interação, comunicação e trocas sociais. Pode-se compreender sobre esta estrutura e contexto que, como língua visuoespacial, a língua de sinais é:

> Como uma língua percebida pelos olhos, a língua brasileira de sinais apresenta algumas peculiaridades que são normalmente pouco conhecidas pelos profissionais. Perguntas sobre os níveis de análises, tais como, a fonologia, a semântica, a morfologia e a sintaxe são muitos comuns, uma

ISSN 2178-6925

> vez que as línguas de sinais são expressas sem som e no espaço. Porém, as pesquisas de várias línguas de sinais, como a língua de sinais americana e a língua brasileira de sinais, mostraram que tais línguas são muito complexas e apresentam todos os níveis de análises da linguística tradicional. A diferença básica está no canal em que tais línguas expressam-se para estruturar a língua, um canal essencialmente visual. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.20)

Considera-se a Libras, portanto, uma língua de libertação do surdo, libertação para se expressar, para ir e vir, uma língua regida por regras gramaticais - e mutável em suas variações sociolinguísticas. Dir-se-ia até uma língua polivalente, versátil, capaz de mostrar nuances diferentes de uma língua oral. Como? Através do visual. A Libras é uma língua rica de elementos visuoespaciais.

Ter a língua de sinais como língua do surdo, como elemento firmador de uma identidade e ter esta mesma língua como característica influenciadora de outras possíveis e reais identidades leva a necessidade de afirmar a língua de sinais como língua natural, o que será visto a seguir.

5. Considerações finais

É importante lembrar que a língua de sinais é mais do que mera língua: ela é parte essencial da vivência do surdo. E, por conseguinte, deve ser aceita como língua natural do surdo, língua que precisa ser disponibilizada no meio familiar e socioeducacional.

Quando se refere a uma língua como válida, deseja-se especificar a existência do *status* linguístico em uma língua de uso contínuo no meio social e educacional, uma vez que uma língua seja considerada de mais valor do que a outra em virtude da política linguística.

A língua de sinais é uma língua natural com características gramaticais tanto quanto outra língua oral possuindo flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural. (QUADROS & KARNOOP, 2004). Uma língua natural é

ISSN 2178-6925

flexível e leva o surdo a aprender, ampliando o próprio conhecimento. Tem-se assim a necessidade de entender a Libras como língua de conhecimento, de informação, de pesquisa, de interação e de trocas (recepção e multiplicação) culturais e identitárias.

> Não há, portanto, nenhum problema (nem impedimento teórico), para aqueles que são seguidores das ideias de Saussure sobre a língua, em considerar as línguas de sinais também um conjunto de signos convencionais, uma instituição social, uma *langue* e tão naturais quanto às línguas orais. Mas não foi isso que aconteceu. As diferentes teorias linguísticas, que partiram ou não de Saussure, tiveram algo em comum: por muito tempo, seu objeto de estudo foi só as línguas orais. (MOREIRA, 2007, p. 14)

A realidade, ainda segundo Moreira (2007), é que a linguística ignorou, por muitos anos, o fato de as línguas sinalizadas emergirem naturalmente, como qualquer outra língua natural, em comunidades de surdos, e de serem línguas estruturadas, apresentando uma gramática, sinais com uma estrutura fonético-fonológica, morfológica, sintática, e características discursivas e pragmáticas como qualquer outra língua de modalidade oral.

Desta forma a língua de sinais é uma língua natural por apresentar-se como língua desenvolvida pelos surdos como resultado da possibilidade da existência de uma língua de uso comum. Observa-se ainda que a língua de sinais possui, tal como toda e qualquer língua, desenvolvimento linguístico contínuo.

Considerando-se o que aqui foi descrito, é imprescindível que o meio social e acadêmico valorize a língua de sinais enquanto língua da comunidade surda. Língua natural, completa e de inúmeras possibilidades.

Referências

BENTO, Nanci. Os parâmetros fonológicos: Configuração de mãos, ponto de articulação e Movimento na aquisição da língua brasileira de sinais – um estudo de caso. Dissertação de mestrado (UFBA). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

ISSN 2178-6925

FERREIRA, Lucinda. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Maura Corcini. Surdez & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOREIRA, Renata. Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira: Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores. Pós-doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

QUADROS, Ronice & KARNOPP, Lodenir B. Língua de sinais brasileira. Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, Célia. LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros. Disponível em: http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf. Acesso em: agosto de 2011.

SACKS, Oliver. Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2002.